

MULHER-MÃE X MÃE-MULHER: A DISCURSIVIDADE DE E SOBRE MULHERES NO TINDER

Tatiana Barbosa de Sousa¹

Guilherme Beraldo de Andrade²

No contexto do casamento cristão, deflorar a esposa virgem é direito e dever do marido durante a noite de núpcias. Não é apenas a posse da mulher pelo homem, é a confirmação carnal de uma união sagrada, abençoada por Deus, indissolúvel. É a inauguração da vida de um casal que se propõe a procriar (KNIBIEHLER, 2016).

Motivados pela epígrafe que abre nosso trabalho, olhamos para a mulher, nesta relação “dever x direito” para/com seu marido, num aspecto de propriedade. Desde o estabelecimento de uma sociedade com pilares que atendessem aos interesses da Igreja, nos relacionamentos ditos cristãos, esperava-se que a mulher fosse imaculada, virgem, para a possibilidade de uma família abençoada por Deus.

Porém, entendemos que, com o desenvolvimento e a influência da tecnologia digital em nossas vidas, tanto a linguagem, quanto os modos de se relacionar dentro das sociedades têm passado por constantes e significativas transformações, especialmente, a partir do uso da internet, o que nos mostra que há um grande impacto das novas tecnologias nos relacionamentos humanos, bem como em sua prática discursiva.

Nosso campo de análise para esta apresentação, o programa *Tinder*, é uma rede social utilizada por homens e mulheres, ofertada a seus usuários no formato de um aplicativo para telefones celulares. Disponível desde 2012, o *app* disponibiliza ao (possível) usuário uma maneira fácil e objetiva de se cadastrar e, para evitar perfis falsos, faz a exigência de que a nova conta seja vinculada a um perfil de usuário na rede social *Facebook*. Com base nas informações colhidas no *Facebook*, é gerado um perfil para esta pessoa, na plataforma do aplicativo, possa ser “gostada” ou “descartada” por outros usuários por meio da ferramenta *like*. Ao acontecer uma combinação (dois usuários gostam um do outro) eles são notificados com “*It’s a match*”.

Para que uma conversa seja iniciada nesse aplicativo, é necessário que um *match* tenha acontecido previamente. Ou seja, entendemos que só existe a possibilidade de um bate-papo com alguém que já tenha atraído o outro usuário por alguma(s) de sua(s) característica(s) oferecida(s) na foto de perfil e/ou texto de descrição e, na mesma medida, por ele tenha sido atraído. Assim estabelecida, a conversa acontece no âmbito virtual e não presencial, dando início a uma nova relação que pode instaurar até mesmo relações de

¹ Pós-doutoranda em Letras (CAPES/PNPD) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: tatianabsg@gmail.com.

² Pós-doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: guilhermeberaldo@hotmail.com.

amizades, namoros, encontros íntimos que, a seu tempo, conforme definido por Bauman (2004), transfiguram relações virtuais que se opõem a relacionamentos considerados padrões ou regulares (que exigem ou pressupõem durabilidade). São relações líquidas próprias do cenário da vida moderna, sem compromisso com a durabilidade, conforme o autor.

Entendemos que a virtualidade de tais relações propicia um território neutro, uma espécie de lugar em que tudo pode ser dito sem que haja o peso do olho-no-olho, algumas vezes evitado/temido por pessoas nas relações presenciais. Protegido pela tela do dispositivo eletrônico, o usuário pode dizer inconsequentemente tudo o que pensa e deseja, com a facilidade de simplesmente bloquear o outro usuário face a eventual não receptividade. Desta forma, ao ler a descrição de uma pessoa, é possível opinar, elogiar, criticar e até mesmo xingar alguém que o usuário não conhece pessoalmente, mas que passou a fazer parte da sua lista de amigos virtuais quando se coincidiram em um *match*.

Pensando em toda essa possibilidade de (não)interação entre o que é posto e o que é ocultado nos perfis ativos no aplicativo *Tinder*, o *corpus* desta análise são os *posts* feitos por uma usuária³ deste aplicativo em sua página do *Facebook*. A professora, que também é mãe, decidiu fazer esta postagem nas redes sociais após perceber como o comportamento dos homens com os quais ela conversou era diretamente com enfoque à mulher-mãe que faz uso de um *app* de encontros e amizade.

A questão do gênero, nos mais diversos setores, tem sido amplamente discutida, ou pelo menos falada, em nossa atualidade. As relações de poder e não poder estabelecidas por/sobre homens e mulheres resultam de memórias que ressoam das práticas sociais, ideológicas e de imaginários constitutivos do que seja mulher e do que seja mãe, sinalizando para uma formação social predominantemente machista e patriarcal.

Memórias e discursos se estabilizam pela repetição, que dão visibilidade a ideologias que circulam entre os dizeres cotidianos, instaurando efeitos de naturalização entre os sujeitos de uma determinada formação social, mostrando conforme Pêcheux (2009) e Orlandi (2005) o funcionamento do esquecimento no. 01, em que os sujeitos se pensam a origem do dizer. Pelos recortes, aqui analisados, ressoam memórias e dizeres de uma formação predominantemente machista, violenta e preconceituosa.

Nossos trabalhos (Sousa e Andrade, 2019a) têm nos mostrado que as determinações históricas e sociais reproduzem e transformam os processos e práticas de significação da mulher, fazendo funcionar o real da língua (MILNER, 1987) e o real da história (GADET; PÊCHEUX, 2004), mostrando que o materialismo demanda não só a linguagem, mas também a prática política (PÊCHEUX, 1977), que se realiza pela resistência aos discursos machistas e ao preconceito de gênero, em nosso *corpus*, acentuado

³ É o relato feito pela usuária, uma professora de 27 anos, que teve seu perfil deletado da rede social após receber vários comentários que a atacavam por ser mãe e estar em um site de paqueras, em um *post* feito por ela na sua própria página. Em seu texto, ela conta o que aconteceu quando criou um perfil no aplicativo *Tinder* e publicou, em dentre suas descrições, que é mãe. A usuária fez um compilado dos comentários que se referiam diretamente ao fato de ela ser mãe, feitos pelos homens que tinham a possibilidade de interagir com ela, ou seja, aqueles com os quais o *match* havia acontecido previamente.



pela condição da mulher-mãe, mostrando que há uma representação estabilizada do que é ser mãe e pode ela pode ou não fazer ou dizer, inscrevendo-a em uma formação discursiva fechada.

Trabalhamos na Análise de discurso e as discussões na perspectiva do discurso se ancoram em Pêcheux (2009), Gadet e Pêcheux (2004), Milner (1987), Orlandi (2005) e para tratar as questões de gênero trazemos Sousa e Andrade (2019b) e, também, Pinsky (2014) que enfoca a relação mulher e maternidade, em que ser mãe aparece no discurso como uma condição ligada a uma missão sagrada, indissociável de ser mulher, conforme está visível nos recortes apresentados a seguir.

Mesmo infelizes em seus casamentos, a mulher-mãe deve permanecer e renunciar a si mesma em prol do desenvolvimento sadio de seu filho. Historicamente, temos que a união religiosa é o marco social que permite a uma mulher o título de mãe, já que a esposa é escolhida por aquele homem para ter seus filhos. Posto isto, compreendemos a motivação pela qual mulheres que têm filhos fora de uma união socialmente aceita, passam a sofrer preconceito e discriminação como “aquela que não tem valor”.

Recorte 1: *Raul – 27 anos

- Oi gata
- Oi. tudo bem?
- Melhor agora.
- ><
- **Que bom que você avisa que tem filho.**
- É? Por que?
- Assim facilita e a gente não tem surpresa.
- Como assim?
- ah gata não se apaixona nem se desiludi
- como assim?
- **vc é mãe, já sei q n rola nd sério**

Olhando para nosso *corpus*, no primeiro recorte, o usuário do *Tinder* que conversa com a usuária agradece por colocar em seu perfil a descrição de “mãe” já que assim ele poderia concluir que um relacionamento com ela não seria um relacionamento sério. Alguém por quem ele não deveria nem se apaixonar para não se desiludir. Isso porque Raul pressupõe que toda mulher que é mãe e está em um aplicativo de paqueras não quer um relacionamento sério, e, ainda, pelo imaginário proveniente de uma formação social patriarcal e machistas, como a nossa, se é mãe e está solteira significa ser uma mulher disponível para relações (sexo) casuais, por esse imaginário a mulher-mãe que vive relacionamentos amorosos, é indigna de respeito.

Recorte 2: *Lucas – 28 anos

- então o seu filho está onde agora?
- Em casa, comigo. por que?
- Nossa. Você é bem feminazi esquerdista mesmo.
- **coitada da criança com uma mãe p*ta dessas que fica procurando macho.**

Já neste segundo recorte, Lucas, o *match* da usuária, ao conceder o xingamento de puta à moça, afirma que o filho dela (uma mãe que utiliza o aplicativo *Tinder*) é um coitado pois, se a mãe está em uma plataforma de relacionamentos, está, conseqüentemente, procurando um macho, ou seja, a mãe deve deixar de ser mulher dona de um corpo de afeto e desejos ao assumir a sua maternidade. É válido ressaltar



que se a usuária fosse casada, pelas concepções sociais predominantes, além de ser boa mãe, deveria ser também uma boa esposa, o que implica em atender aos desejos sexuais do marido. Porém, nesta relação, o sexo é abençoado por Deus e, então, permitido e, quem sabe podemos até mesmo dizer, regulamentado para uma mulher-mãe.

Recorte 3: *Lucas – 24 anos
– *Sou mais novo que vc*
– *Sim. 3 anos. Isso é um problema grande?*
– *n, n. é q vc é mãe, e eu procuro uma namorada*
– *E?...*
– *E que daí n dá, né*
– *Por que? Sua mãe nunca namorou?*
– *N fala da minha mãe, vadia*

Neste recorte (3) há uma retomada do Recorte (1) em que o sujeito afirma que se a mulher é mãe, solteira e está na rede social não serve para namorar. Ele procura uma namorada, um relacionamento sério e, para tal posição, a moça, caracterizada por ele como uma vadia, não serve. Deve ser imaculada como a mãe dele, ou seja, apenas mãe – aquela que se dedica exclusivamente aos filhos - e não uma mulher-mãe que se envolve com outros homens que não o pai da criança.

Por meio desses dizeres, parece-nos que esses sentidos de mulher e mãe – aquela que se deve exclusiva ao sexo abençoado por Deus em um casamento - se assimilam, fazendo uma associação de que a mulher que é mãe e está solteira, ou na rede social para paquera, é uma mulher que não quer/merece/precisa/almeja, dentre outros verbos, um relacionamento considerado sério ou duradouro, dentro dos padrões predominantemente aceitos, ainda hoje. É como se, por não estar inserida em um casamento, a mulher passasse a ter o rótulo de mulher fácil e aventureira, característica incompatível com a figura da mãe, a mulher materna, dedicada aos filhos e ao lar.

Nossas observações (2019b) mostram que, ainda hoje, em pleno século XXI, com tantos desdobramentos, ganhos e evolução em relação à posição da mulher, temos resquícios dos moldes que foram impostos pelos pilares patriarcais em nosso modo de sociedade. Por certo, a “mãe” que está no *Tinder*, não tem, de acordo com as enunciações postas, total direito sobre suas vontades, corpo e liberdade. Instaura-se aqui um litígio de sentidos; uma contradição que se dá entre um discurso de massa instituído e os ecos de sentido que se reforçam e ressignificam em cada enunciação.

É absolutamente necessário a existência de um movimento de ressignificação de um espaço de uma mulher-mãe que seja livre em relação ao uso de seu corpo como fonte e produtor de desejo. Contudo, conforme podemos apontar nesta apresentação, há um grande abismo entre o que se espera e o que acontece. Entre o que se fala e o que se faz. Isso porque encontra-se cristalizado nos dizeres de e sobre essas mulheres que elas, aquelas que são mães, devem ser puras e imaculadas, bem como dedicadas aos seus filhos o que, por certo, nos permitiu encontrar enunciações que tinham essencialmente um teor de ataque àquela posição mulher nas postagens feitas para a mãe usuária do *Tinder*.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- DIAS, Cristiane. Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos. In: PETRI, Verli (org.). *Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Ed da UFSM, 2013. p. 49-62.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Trad. Bethania Mariani e Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.
- MILNER, J. C. *O amor da língua*. Trad. Ângela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. *Remontemos de Foucault a Spinoza*. Trad. Brasileira de GREGOLIN, M.R, mimeo, 1977.
- PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.
- SOUSA, Tatiana Barbosa de; ANDRADE, Guilherme Beraldo de. Mulher, verão e cerveja: a produção de sentidos na peça publicitária da cerveja Itaipava, no Brasil. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 423-452, 2019.
- SOUSA, Tatiana Barbosa de; ANDRADE, Guilherme Beraldo de. Dos processos de produção de sentidos no *tinder*: ecos de sentido “de” “e” sobre a mulher-mãe. In: *Mulheres Contemporâneas: discurso e produção de sentidos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 33-52